

O SUICÍDIO DO ZÉ NINGUÉM: análise social do autoaniquilamento em uma música dos Garotos Podres

THE SUICIDE OF THE ZÉ NINGUÉM: social analysis of self-annihilation in a song by Garotos Podres

Wudson Marcos¹

 ORCID IDS

Marcos W - <https://orcid.org/0000-0003-3530-1412>

Resumo

Este artigo analisa o suicídio do personagem principal da música *Zé Ninguém*, da banda de *punk rock* *Garotos Podres*. *Zé Ninguém* é um mendigo. Não tem um trabalho e nem uma família. Como não está gerando lucros é considerado irrelevante, ou mesmo inexistente. As pessoas que passam pelas ruas, no máximo, o veem como um lixo estragando a paisagem urbana. A religião, que deveria socorrer os excluídos, absorve o discurso capitalista e instrumentaliza pessoas para a lucratividade de suas instituições. Cheio de sua própria nulidade, ele se cansa de existir e comete suicídio, acabando, assim, com sua vida irrelevante. Se, por um acaso, alguém se importa, deve-se lutar pela distribuição de renda, em favor da igualdade social. A educação, cuja transformação é extremamente complexa, é crucial para a sensibilização de que existem vários *Zé Ninguém* e, constantemente, de maneira desumanizada, se tornam apenas pedaços de carne em putrefação. Além de críticas ao sistema neoliberal, a proposta é apontar possíveis caminhos para a humanização do indivíduo. Tal qual o movimento *punk*, objetiva-se dar voz e imagem ao sujeito invisibilizado; contribuir para o despertar de uma sensibilidade que possa levar a uma oposição prática diante das injustiças sociais, tanto no âmbito do cotidiano em sociedade quanto pela implementação de políticas públicas.

Palavras-chave: Suicídio. Zé Ninguém. Garotos Podres.

Abstract

This article analyzes the suicide of the main character of the music *Zé Ninguém*, from the punk rock band *Garotos Podres*. *Zé Ninguém* is a beggar. He has no job nor family. Since he is not generating profits he is considered irrelevant, or even non-existent. People who pass by the streets, at most, see him as garbage ruining the urban landscape. Religion, which should help the excluded, absorbs the capitalist discourse and instrumentalizes people for the profitability of their institutions. Filled with his own nullity, he gets tired of existing and commits suicide, thus ending his irrelevant life. If, by any chance, someone cares, one must fight for income distribution, in favor of social equality. Education, whose transformation is extremely complex, is crucial to raising awareness that there are several *Zé Ninguém* and, constantly, in a dehumanized way, they become just pieces of putrefying meat. In addition to criticizing the neoliberal system, the proposal is to point out possible ways for the humanization of the individual. Like the punk movement, it aims to give voice and image to the invisible subject; contribute to the awakening of a sensitivity that can lead to practical opposition in the face of social injustices, both within the scope of everyday life in society and through the implementation of public politics.

Keywords: Suicide. Zé Ninguém. Garotos Podres.

¹ Faculdade Dom Alberto

Correspondência: wudsonmarcos@gmail.com

Recebido em 02 de Setembro de 2020; Aceito em 16 de Novembro de 2020.

INTRODUÇÃO

Conforme recenseamento realizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, cujas pesquisas mais recentes foram feitas entre 2007 e 2008, havia no Brasil pelo menos 31.922 pessoas morando nas ruas. Mas esses dados foram divulgados com base em apenas 71 municípios, há anos atrás¹. Se levarmos em consideração uma análise crítica mais recente, feita pelo Movimento da População de Rua (Pop-rua) da cidade de São Paulo (2019), pode-se considerar que, só na capital paulista, há mais de 32.000 moradores de rua². Baseando-se nisso, é possível imaginar a enorme quantidade de pessoas nessa situação espalhadas por todo o país.

Antes da análise mais cuidadosa feita pelo Pop-rua, os pesquisadores que trouxeram os resultados tidos como oficiais, tiveram contato com poucos moradores de rua. Os dados que apresentaram têm a limitação de não alcançar grande parte dos que estão sob as pontes, viadutos, dormindo nas calçadas e em outros lugares insalubres, uma vez que priorizaram o registro daqueles que estão cadastrados em algum tipo de órgão social. Como os registrados no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), por exemplo. A dificuldade de contabilizar esses indivíduos, por si só, é um retrato do quanto são invisíveis para a maior parte da sociedade³.

Este texto apresentará uma análise social do suicídio do personagem principal da música *Zé Ninguém*,

1 Utilizo aqui o termo *morador de rua* como sinônimo de *pessoas em situação de rua*. Essa utilização tem por base a abordagem do Pop-rua. “Segundo o decreto federal 7.053, de 2009, está em situação de rua aqueles que possuem ‘em comum extrema pobreza, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporário ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória’”. Fonte: <<https://www.mds.gov.br/>> Acesso em 03 de abril de 2020.

2 Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/>> Acesso em 03 de abril de 2020.

3 No artigo 7, inciso VI, que consta no Decreto 7.053 de 23 de dezembro de 2009, podemos ler um dos objetivos da Política Nacional para a População em Situação de Rua: “Incentivar a pesquisa, produção e divulgação de conhecimentos sobre a população em situação de rua, contemplando a diversidade humana em toda a sua amplitude étnico-racial, sexual, de gênero e geracional, nas diversas áreas do conhecimento.” Nesse sentido, o conteúdo deste artigo vai de encontro à necessidade da política citada. Fonte: <<https://www.mds.gov.br/>> Acesso em 12 de novembro de 2020.

da banda de *punk rock Garotos Podres*. A história é sobre um mendigo, que pode ser visto como um representante simbólico dos moradores de rua do Brasil. A palavra “mendigo” não será usada no sentido lato (oficial). Mas de maneira prosaica (popular), como sinônimo de “morador de rua”. Na literalidade, nem todos os que moram na rua são mendigos, pois nem todos mendigam (pedem esmolas). Muitos não têm essa prática, já que com algum trabalho conseguem garantir sua miserável sobrevivência. A forma como esse termo é usado aqui deve-se ao fato dos *Garotos Podres*, didaticamente, usá-lo como referência direta ao personagem da própria música. Entre outras questões, a música fala sobre o desprezo que *Zé* carrega por estar nas piores partes da escala de status social, a fuga dos padrões do sistema e a crítica ao descaso das pessoas diante de sua vida e morte autoprovocada.

O presente artigo contempla a temática de algumas produções anteriores sobre mortes voluntárias⁴. Após tratar sobre o tema de forma mais filosófica e em diálogo com a educação, iniciei estudos que trabalham essa mesma temática, mas com um enfoque mais social, principalmente a partir do texto *O Suicídio: estudo de Sociologia*, de Émile Durkheim (2000). Este trabalho fundamenta-se também em algumas obras de outro autor clássico – Karl Marx, que tem um texto intitulado *Sobre o Suicídio*. Essa obra marxiana não é tão conhecida quanto outras do mesmo pensador que são citadas aqui. Não obstante, trata-se de uma contribuição que, em poucas páginas, constrói reflexões de grande importância para analisar um mal que afeta tanto burgueses quanto proletários.

Entre essas e outras leituras, também de contribuições mais recentes de outros autores e autoras, que serão citados ao longo do artigo, ao ouvir a música dos *Garotos Podres*, foi despertado o pensar sobre a relação do conteúdo da canção com a realidade brasileira, que deve ter mais “Ninguéns” do que se pode

4 Duas publicações referentes a tais reflexões são um artigo: MARCOS, Wudson. Os 13 Porquês: gatilhos para o Suicídio no contexto escolar. *REEDUC - Revista de Estudos em Educação*. v.6, p. 40-56, ago/ dez 2020. Disponível em <<https://www.revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/10142/7559>> Também um conto: MARCOS, Wudson. *Revista Literatura Errante*. 14 set, 2020. Disponível em <<https://www.literaturaerrante.com.br/post/pele-cortada-com-l%C3%A2mina-de-apontador>>

constatar. Aliás, o *não-ser* é, por definição, imperceptível e inexistente, pelo menos segundo o filósofo Parmênides⁵.

Constatou-se a possibilidade de desenvolver reflexões a partir de uma música, uma expressão artística que pode ser bem utilizada, não só como atração estético-sonora, mas também como instrumento didático para aguçar a sensibilidade humana diante da realidade afirmada por Michael Löwy, em seu ensaio que introduz a obra de Marx (2006) *Sobre o Suicídio*: “[...] a crítica da sociedade burguesa não se pode limitar à questão da exploração econômica – por mais importante que seja. Ela deve assumir um amplo caráter social e ético, incluindo todos os seus profundos e múltiplos aspectos opressivos.” A proposta é que tal sensibilização não ocorra apenas introspectivamente, mas auxilie os leitores e leitoras a, de fato, humanizar e defender a humanização de indivíduos excluídos.

“Zé Ninguém” é um termo simbólico, geralmente usado para se referir a um indivíduo irrelevante. No caso deste texto o termo diz respeito aos que nem ao menos são considerados indivíduos. Os moradores de rua, na maior parte dos casos, são invisíveis ou enxergados como montes de putrefação que estragam a cidade. Veremos como as injustiças sociais, produzidas pelas pessoas na sociedade capitalista, fazem parte das causas de muitos suicídios pelas ruas.

O alcoolismo, a dependência química, a instabilidade financeira e a dissolução da base familiar fazem parte dos principais motivos para alguém ir morar na rua (CASTRO, et. al, 2019). Geralmente, os ricos que têm suas famílias desfeitas, também perecem. Mas se afundam no álcool e nas drogas sem precisar implorar por dinheiro. Se ficarem doentes, podem ir para um bom hospital. E não precisam derramar suas lágrimas em cima da lama da sarjeta, pois têm lugares confortáveis para repousarem seus corpos destruídos. A intenção aqui não é menosprezar o sofrimento de quem não é um mendigo. Mas dar visibilidade às pessoas que têm seu sofrimento agra-

vado pelo fato de serem vistas como insignificantes. Melhor dizendo – não são vistas, são insignificantes invisíveis.

A linguagem usada no texto estará de acordo com a intenção de causar incômodo nos leitores. Isso porque, tratando-se de um artigo que discorre sobre a morte violenta de uma pessoa desprezada, cuja história é narrada numa música de protesto, o texto está intencionalmente ligado à linguagem do movimento *punk*. Movimento esse que tem como uma das características marcantes expor sua poesia marginal, que é livre de amarras estéticas e linguísticas. Tal qual a agressividade dos *Garotos Podres*, tanto nas letras quanto na execução sonora, este artigo será apresentado com o uso de figuras de linguagem (como metáforas e hipérboles, por exemplo) e termos que, comumente, não são admitidos nos meios de comunicação acadêmica. Julga-se necessário essa liberdade para, semelhante à apresentação de uma banda de *punk rock*, provocar desconforto na sociedade ao ecoar as dores do povo excluído. Analisaremos como o mendigo chegou a tal situação; como a sociedade vê e como não vê o *Zé Ninguém*. Veremos o que o levou ao suicídio, como podemos evitar esse tipo de acontecimento e, até que ponto, nos importamos realmente com isso.

ESTÉTICA E POÉTICA DOS GAROTOS PODRES

A banda *Garotos Podres* teve seu início oficialmente em 1982. Os integrantes são provenientes da região metropolitana do ABC paulista, maior polo industrial do país, localizado na Grande São Paulo. Consequentemente, onde moravam, havia muitos operários (trabalhadores das linhas de produção das fábricas). Nesse contexto os *Garotos* presenciavam momentos de ressurgimento intenso de movimentos sindicais.

Suas músicas seguem a clássica estética *punk*: letras diretas, agressivas, sarcásticas e um instrumental de fácil execução, canções com poucos acordes, mas de uma notoriedade bastante gritante – gritos literalmente ecoados pela voz rouca do vocalista e pelos coros onde toda a banda canta. A voz suja, misturada ao som dos instrumentos tocados de maneira agressiva, traz para os ouvintes letras que criticam

5 SOUZA, José Cavalcante de. (Org.) *Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 6ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores). p. 139-140.

claramente as injustiças sociais, bem como as lutas existentes na vida do povo trabalhador. Como viveram na época da ditadura militar, também atacavam as atitudes opressoras do sistema em questão.

Em 1997 os *Garotos Podres* gravaram seu quarto álbum de estúdio, *Com a Corda Toda*, onde encontramos a música *Zé Ninguém*. Em 2020 a banda ainda é atuante. Em sua trajetória teve várias alterações. Apresentarei a formação do grupo de acordo com os integrantes que estavam no *Garotos* no ano de 1997. São eles: José Rodrigues Mao Junior (Mao) – vocalista; Michel Stamatopoulos (Sukata) – baixista; Mauro – guitarrista; Luís Manoel Gonçalves (Português) – baterista. Todos os instrumentistas faziam vocais secundários.

Nessa gravação eles não pararam com a agressividade das batidas rápidas, dos gritos e com as poucas notas musicais para cada canção. Mas, notoriamente nesse disco, na maioria das faixas, trabalharam também com o *ska*: um ritmo parecido com o *reggae*, porém mais rápido e intenso. O *ska*, também remete a manifestações culturais de classes oprimidas.⁶ A liberdade do *punk* favorece essa mistura de gritos populares. E esse é o caso da canção *Zé Ninguém*. Na fala do vocalista, em uma gravação ao vivo no Rio de Janeiro, podemos constatar parte da crítica e do objetivo da composição:

Nesse mundo neoliberal, nós acreditamos que qualquer mendigo excluído tem muito mais dignidade do que os banqueiros que receberam recursos do PROER⁷. Por isso, nós fizemos uma música que resgata a dignidade de todos os excluídos – *Zé Ninguém* (GAROTOS PODRES, 2000).

Desde os anos 1970, entre os operários da Inglaterra, época e local aos quais são atribuídas as origens do *punk*, suas roupas e seus cabelos são um ataque evidente à estética padrão. Essa subversão no estilo aponta para um alvo maior que apenas a indústria da moda – os padrões dominantes burgueses. O vestuário, que os adeptos do movimento usavam, eram

motivo de escândalo para os cidadãos tradicionais. Hoje em dia, às vezes sem perceber, desfrutamos de uma liberdade que os primeiros *punks* brasileiros não tinham. Vejamos a fala do baixista da banda, em uma entrevista que concederam ao *Programa do Jô*⁸:

Hoje você vê o pessoal andando de cabelo arrepiado, calça rasgada, de alfinete, aquela coisa toda, passa até despercebido. Na época [...] final do governo Figueiredo [...] pelo simples fato de você estar com o cabelo arrepiado [...] em cada esquina cê ia tomando uma geral. E a sorte nossa na época, em especial a minha [...] até que na época eu trabalhava. Fazia Senai na Volkswagen. E então você vê seus amigos: todo mundo de preto, moicano, cabelo arrepiado [...] eu levantava a carteirinha, passava despercebido e o pessoal ficava lá apanhando (STAMATOPOULOS, 2004).

Na maioria das vezes, porém, as roupas dos *Garotos Podres* não seguem o estereótipo que se tem dos *punks*. Na mesma entrevista, onde o baixista Sukata faz a fala acima, Jô pergunta à banda porquê eles não “se vestiam de *punks*” para tocar. O vocalista Mao responde: “A gente nunca teve essa coisa de se fantasiar pra nada. Então a gente toca com a mesma roupa que eu vou no supermercado” (MAO, 2004). A banda parece concordar com o seguinte pensamento: “Embora tenha sido útil na época - e ainda hoje seja divertido – chocar as pessoas com a aparência é menos relevante do que chocar com ideias” (O’HARA, 1992, p. 40). Nem por isso, os *Garotos* deixam de fazer menção às origens do movimento, vestindo, muitas vezes, suspensórios e boinas – acessórios muito usados pelos operários ingleses dos anos 1970.

O *punk rock* serviu como subversão aos modelos musicais predominantes. Até então, a maior parte das bandas de *rock* produzia músicas de difícil execução, além de exibirem instrumentos caros e estruturas muito bem elaboradas. Assim, os mais pobres, dificilmente poderiam ter uma banda. Mas esse movimento, que chegou intensamente ao Brasil nos anos 1980⁹, trouxe o lema do *faça você mesmo*. Os

6 Para mais informações sobre o *ska*, estilo musical de origem jamaicana, consultar ALBUQUERQUE, Carlos. *O Eterno verão do Reggae*. São Paulo: Editora 34, 1997.

7 Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional.

8 *Talk show* exibido pela Rede Globo de Televisão entre 2000 e 2016. O programa era apresentado por José Eugênio Soares, mais conhecido como *Jô Soares*. A entrevista com a banda *Garotos Podres* foi exibida no dia 21 de junho de 2004. Há um vídeo no qual a fala do baixista que foi citada ocorre entre os minutos 08:40 e 09:35, está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UvWUjZfQUXg&t=614s> Acesso em 12 de novembro de 2020.

9 Para um panorama das origens do movimen-

punks, então, puderam juntar seus amigos e, mesmo sem saberem “tocar direito”, com instrumentos e estruturas precárias, davam voz aos seus protestos. A própria sujeira da música faz parte da afirmação de não se encaixarem no *status quo*¹⁰. Formado por oprimidos e inconformados, o *punk* representa o lixo produzido pela sociedade. Sua atividade favorita é transformar isso em munição contra os opressores. “Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês” (LEGIÃO URBANA, 1985). Vejamos abaixo a letra da música *Zé ninguém*:

Nasceu da miséria que se sente o cheiro daí
Se encheu de cachaça e saiu por aí
Não trabalha, mas também não explora
Não consegue compreender multidões contando
horas
Na praça demonstra sua fé
Babando satisfeito e aplaudindo com os pés

Olhando pro sol, olhando pra chuva
Enlouquecendo no meio da rua
Zé não precisa tomar banho pra se manter limpo

Zé nunca foi latifundiário, Zé nunca foi patrão
Zé nunca foi nenhum tipo de ladrão

Sob o manto negro da noite
Deitado no banco da praça
Zombando das estrelas
que insistem em ficar acesas

Um dia Zé, simplesmente, cansou-se de existir
E agora jaz um corpo despedaçado na linha do trem
Um corpo de um cara qualquer
O corpo de um Zé Ninguém

Essa é a história de Zé Ninguém
Da porta dos bares à cama de cimento
Zé ninguém, um excremento

(GAROTOS PODRES, 1987)

Zé não se encaixa nos padrões de convivência social. É herdeiro da miséria vivenciada por milhares de brasileiros. Não tem moradia adequada. Não tem as roupas adequadas. Não tem documentos, nem mes-

mo uma “carteirinha de trabalhador”, provando que gera lucro aos empresários. Ele faz parte do lixo produzido pela sociedade. Após uma vida excluída e, ao mesmo tempo, transgressora, resolveu se descartar definitivamente.

O SISTEMA CAPITALISTA COMO GERADOR DE SUICÍDIOS

Durkheim (2000) diz que as cidades geram mais suicídios do que as zonas rurais. Principalmente as grandes cidades, por terem mais indústrias e uma efervescência econômica. Após verificar o período no qual as pessoas mais se matam, ele diz que “[...] o dia favorece o suicídio, por ser o momento em que os negócios estão mais ativos, em que as relações humanas se cruzam e entrecruzam, em que a vida social é mais intensa” (DURKHEIM, 2000, p. 120). Esse livro foi escrito em 1897, baseado em estatísticas, quase que unicamente, sobre países da Europa. Mesmo com a especificidade da análise em relação à época e às localidades, é possível aplicar certas constatações para várias nações do século XXI, inclusive a brasileira.

A pressão dos afazeres diários afeta a paz dos indivíduos. A maior parte dos donos das grandes empresas tentam encher um cofre gigantesco, que pede sempre mais, fazendo o acúmulo de riquezas nunca parecer suficiente. Os trabalhadores pobres se encontram presos pelas exigências intermináveis de seus patrões. Quando andam pelo centro da cidade, no dia de sua folga, encontram nas lojas mercadorias produzidas por empregados como eles. Para que o cofre dos patrões continue se alimentando ininterruptamente, você deve comprar essas mercadorias. Por isso, nos cursos de vendas, os treinadores deixam evidente que não se importam com o ser humano. Querem apenas seu dinheiro. Querem te cativar, não porque gostam de você, mas porque querem “fidelizar o cliente”. Quando você achar que não precisa de nada, o processo não acaba. Os vendedores são treinados para te convencer de que você precisa do produto sim. Mesmo que, no fundo, saibamos que não precisamos. Marx já tratava do aspecto ilusório do poder de consumo como forma de realização pessoal:

to *punk* no Brasil, recomendo o documentário *Botinada: A Origem do Punk no Brasil* (2006). A direção é de Gastão Moreira.
10 Sistema vigente que anseia em continuar, para que os poderosos se mantenham no poder e os oprimidos continuem sendo oprimidos.

É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam no mundo da mercadoria os produtos da mão humana (MARX, 2017, p. 147-148).

Um autor que retoma grande parte das ideias marxianas é Ricardo Antunes. O sociólogo traz atualizações de conteúdos do autor, aplicando-os, com as devidas contextualizações, reformulações e mesmo novos conceitos fundamentados na sólida teoria de Marx. Um de seus textos é *O privilégio da servidão* (2018), onde o brasileiro apresenta um novo tipo de opressão presente no neoliberalismo – o *déspota de si mesmo*. É lançado sobre os empregados a mútua vigilância e pressão para cumprir as metas das empresas. Dessa forma, os próprios trabalhadores intensificam o labor para além de suas atividades específicas, dedicando-se também à opressão sobre si e sobre seus colegas. Afinal, se alguém faltar ou chegar atrasado, coloca os salários e horas extras em risco, já que a não imersão do “colaborador” na produção gera prejuízo aos patrões e, conseqüentemente, prejuízo para todos seus subordinados. Por isso, com medo de perder o pouco que têm, muitos trabalhadores tornam-se *déspotas de si mesmos* (ANTUNES, 2018, p. 105).

A cada semana, os ricos conseguem aumentar seu faturamento. Mas os pobres continuam ganhando salário mínimo e gastando grande parte com os produtos vendidos pelos patrões. Isso quando têm dinheiro para comprar. Pois é comum que o funcionário não tenha recursos para adquirir o próprio produto com o qual trabalha. Dentro do ônibus, enquanto vão para o serviço, as pressões do expediente trazem angústia por antecedência. Na volta para a casa, há o lamento pelo fato do dia já estar acabando e, em apenas algumas horas, o sinal do início do expediente soará outra vez. Geralmente, acorda-se pensando na hora de ir dormir.

As descrições aqui apresentadas apontam características de vulnerabilidade que podem levar, princi-

palmente, pessoas mais pobres ao suicídio. O *Zé Ninguém* é muito menos que pobre. Ele está num nível de extrema miséria. Contudo, é importante perceber que os “parasitas”, que são os ricos que se alimentam do sangue e do suor dos pobres, acabam sugando os próprios corações. É que a ambição torna os poderosos insatisfeitos. Os pobres estão destruídos por serem sugados. O grande patrão, na sensação de insuficiência do fruto de sua exploração, acaba sendo destruído, por dentro, por sua própria sede insaciável de sangue.

De alto a baixo da escala, as cobiças se levantam sem saber onde pousar definitivamente. Nada é capaz de acalmá-las, uma vez que o objetivo para o qual se voltam está infinitamente além de tudo o que possam atingir. A realidade parece não ter valor em comparação com o que as imaginações febris vislumbram como possível [...] Temos sede de coisas novas, de prazeres inominados, mas que perdem todo o sabor assim que se tornam conhecidos (DURKHEIM, 2000, p. 325).

Pode-se afirmar que a ganância humana é anterior a qualquer sistema econômico. Pode ser. Mas o fato é que: a pressão pelo progresso e a divinização do capital, intensificam essa ambição de forma imperativa. Aquele que tem mais dinheiro pode construir uma torre suficientemente alta e se lançar ao chão, para que seu sangue azul se espalhe, misturado ao vermelho do sangue que sugou de seus subordinados. O pobre pode pegar seu mísero salário e comprar uma faca enferrujada. Se o corte na garganta não o matar, o tétano irá concluir o suicídio. Mas e o *Zé Ninguém*? Ele não é rico, nem pobre. É miserável. Como ele participa e não participa desse turbilhão genocida? Consideraremos as peculiaridades da vida desse sujeito.

ANOMIA

Durkheim (2000) não chegou a abordar especificamente o suicídio de moradores de rua. Mas, se fossemos classificar a morte voluntária do *Zé Ninguém* como um dos tipos definidos pelo sociólogo, seria um *suicídio anômico*. *Anomia* significa ausência de normas, de ordem e/ou de leis reguladoras.

Em meio ao caos das angústias diárias, a sociedade teria duas instituições principais que, teoricamente,

ajudam a refrear os impulsos humanos, dando sentido às suas vidas e colocando suas aspirações e atitudes em ordem. São elas, a *Família* e a *Religião*. A desestruturação familiar e a religiosa são apontadas como causas de muitas mortes auto provocadas. Se o indivíduo não está ligado à sociedade com um objetivo definido, em interação com os membros de seus grupos, sua vida torna-se sem propósito (DURKHEIM, 2000).

Zé Ninguém não tem família. Os laços familiares arrebatados, de fato, são parte dos motivos pelos quais as pessoas saem de casa (CASTRO, et. al, 2019). Se você for rico, na maioria das vezes, pode ir para outra casa, talvez numa nova cidade e com um local de trabalho novo. Mas o *Zé* não tem posses, então não sabe para onde ir. Só lhe resta pegar emprestado o chão das ruas. Ou ele pode ser o vizinho mais próximo dos bichos que vivem no esgoto.

Alguns podem construir outra família. Ou fazer novas amizades, comendo porções de batatas fritas com cheddar e bacon, enquanto conversam sobre os planos de retomar a vida fazendo uma pós-graduação. Mas quem são a família e os amigos do *Zé Ninguém*? Pode ser que ele seja um daqueles casos, que quase nunca vimos, onde ocorre o seguinte: Por circunstâncias desgraçadas, contra a própria vontade, a pessoa foi morar na rua. Mas sente-se extasiada, fazendo parte de uma libertadora comunidade de anônimos, que jejuam obrigatoriamente e recebem, todos os dias, olhares de desprezo dos comedores de batatas fritas.

A família pode ruir. Essa instituição não tem a eficácia, ou, a suposta estabilidade suficiente para conter a desordem humana. Por mais que outras famílias possam emergir dos destroços da implosão anterior, ela pode ruir de novo. Nem todos têm os auxílios necessários para, pelo menos, juntar seus pedaços. Mesmo que possam juntá-los, muitos não têm para onde levá-los. O artigo *Vulnerabilidades da população em situação de rua ao comportamento suicida* (CASTRO, et. al, 2019) apresenta uma pesquisa feita com 23 pessoas. Apenas duas delas moravam sozinhas antes de irem para a rua. Todas as outras moravam com seus familiares. Oito dos entrevistados já haviam tentado suicídio. A maioria teve situações relacionadas à família como desencadeadoras das ideações suicidas.

Mas e a *Religião*? Afinal a música diz que o *Zé* “na praça demonstra sua fé”. Conforme censo de 2010 realizado pelo IBGE¹¹: 86,8% dos brasileiros declaram-se cristãos, sendo que 64,6% dizem ser católicos e 22,2% afirmam serem evangélicos. Diante desses dados parece contraditório que o país tenha tanta injustiça social¹². *Zé* poderia ter feito parte de alguma igreja católica ou evangélica. Já que sua comunidade não pôde intervir no trágico fim de sua família, talvez pudessem ter ajudado ele e seu atual grupo de invisíveis mendicantes. Mas a quantidade de famintos que existem em nosso país evidencia que muitos cristãos parecem não conhecer a seguinte passagem bíblica, cuja fala é atribuída a Jesus: “Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer¹³.” Os discípulos, então, perguntam quando o viram com fome e não lhe ajudaram. Ele responde: “Digo-lhes a verdade: O que vocês deixaram de fazer a alguns desses pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo¹⁴.”

Durkheim (2000) diz que, quando a religião se torna muito idealista e pouco prática, ela não faz mais sentido para o indivíduo. Se cada sermão dominical, de cada igreja do mundo, fosse substituído por um quilo de alimento e um cobertor, muitos mendigos sentiriam alívio todas as semanas. O aspecto místico da religiosidade é de grande ajuda para as crises existenciais. Ou mesmo para aliviar o gosto do vazio de certas privações. Mas o trecho abaixo diz bastante sobre como a religião pode se tornar insípida.

Quando a religião já não é mais do que um idealismo simbólico, do que uma filosofia tradicional, mas discutível e mais ou menos estranha a nossas ocupações cotidianas, é difícil que ela tenha muita influência sobre nós. Um Deus relegado por sua majestade para fora do universo e de tudo que é temporal não pode servir como finalidade para nossa

11 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&view=noticia> Acesso em 12 de novembro de 2020.

12 O especialista em sociologia da religião, Gerd Theissen (1985, p. 33), descreve o que, segundo seus estudos, seria um dos fundamentos das comunidades cristãs: “Já em seus inícios, o movimento de Jesus visava a integração. Analisando-se os grupos sociais, aos quais é adjudicado o reino de Deus, há de se concluir: Trata-se de grupos que, na realidade social existente, são negativamente valorizados, de grupos que não estão integrados na vida social. Eles contradizem valores ou físicos, sociais, ou morais”.

13 Mateus 25:42 in: *Bíblia* (2003).

14 Mateus 25:45 in: *Bíblia* (2003).

atividade temporal, que se vê, assim, sem objetivo (DURKHEIM, 2000).

Zé Ninguém vive sua fé sem frequentar instituições religiosas. O templo é onde ele puder estar e seus sermões não têm tempo determinado. As músicas litúrgicas podem ser aquelas que os artistas de rua tocam. Isso pelo menos pode ajudá-lo a sentir a bênção de alguma companhia, já que não é tão fácil encontrar um humano que se importe, mesmo se a cidade tiver milhões de habitantes. “Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo?” (MARX, 2006, p. 28). Ele pode ter um certo alívio com sua fé. Mas duvido muito que alguém dará dinheiro a ele em troca de orações e recitais de versículos bíblicos. Se ele tiver uma boa oratória, talvez se pudesse construir um prédio bonito, com uma linda iconografia e um CNPJ, muitos o pagariam, mensalmente, pelo menos dez por cento de seus salários.

A ideia da falta de Deus como geradora de suicídios¹⁵ está presente em muitos moradores de rua, inclusive nas falas sobre suas próprias tentativas (CASTRO, et. al, 2019). Como o cristianismo hegemônico propaga a sacralização de prédios religiosos e da família nuclear (pai, mãe e filhos), os que não se enquadram nessas regras podem ter essas ausências como sinais de que estão distantes de Deus. No dia 03 de outubro de 2020, o Papa Francisco publicou sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*¹⁶, com forte ênfase para questões socioeconômicas. Referindo-se ao desamor direcionado aos imigrantes, escreveu algo que pode se aplicar a outros grupos excluídos, como os que moram na rua. As palavras do Sumo Pontífice criticam a “empatia” seletiva que muitos de nós temos ao tratar como seres humanos apenas aqueles que

se encaixam em determinados padrões:

Nunca se dirá que não sejam humanos, mas na prática, com as decisões e a maneira de os tratar, manifesta-se que são considerados menos valiosos, menos importantes, menos humanos. É inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes, fazendo às vezes prevalecer determinadas preferências políticas em vez das profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno (FRANCISCO, 2020, cap I, § 39).

Um maltrapilho sem teto e sem comida é visto como mais “natural” e incomoda menos os fundamentalistas religiosos do que o fato de duas pessoas do mesmo sexo se casarem, pois com essa união “contra a natureza”, supostamente, o padrão aceitável de família¹⁷ estaria sendo destruído.

“ENLOUQUECENDO NO MEIO DA RUA”

Ramon Castro (et. al, 2019), com análises em Centros de Atenção Psicossociais especializados em pessoas usuárias de álcool e drogas (CAPS-AD), atestam que os que estão em situação de rua, na maior parte dos casos, têm algum tipo de doença ou transtorno mental. Além da maioria também ser alcoólatra ou ter algum tipo de dependência química. Problemas com bebidas e drogas ilícitas expulsam gente de suas casas, permanentemente. Mas a instabilidade da rua, de não ter privacidade, não saber se vai comer, abrigos inadequados para um ser humano ou mesmo abrigos inexistentes, intensificam ainda mais o uso de tais substâncias. Elas são usadas como alívio para

15 Em *Sobre o Suicídio*, MARX (2006, p.29) fala sobre o estigma que a religião cristã construiu a respeito do autoaniquilamento. A condenação proferida aos que pensam em se matar estende-se a seus entes queridos a partir de quando o ato é consumado. Não obstante, o dogma segundo o qual matar-se é um pecado imperdoável, não conseguiu dar conta da tarefa de diminuir a quantidade de suicídios. “O clero me parece mais irreligioso do que a própria sociedade quando estende a mão a preconceitos tão covardes e recusa aos suicidas uma sepultura”.

16 Disponível em <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#_ftnref204> Acesso em 13 de novembro de 2020.

17 Segundo Maria das Dores Campo Machado (2018), cujo artigo expõe uma genealogia do uso da expressão “ideologia de gênero”, o propagador inicial de tal engajamento religioso foi o Cardeal Joseph Ratzinger (nos anos 1990, antes de se tornar o Papa Bento XVI). A partir de então intensificou-se na Igreja Católica a luta pelos valores da família tradicional que, conforme a tradição cristã hegemônica, consiste em relações monogâmicas heterossexuais. Na segunda década do ano 2000, com uma onda conservadora fortalecendo-se gradativamente no Brasil, a questão da moral cristã tornou-se mais presente nos discursos religiosos e mesmo políticos, a partir de então com grande participação dos evangélicos. Embora o Brasil seja uma nação com grandes desigualdades socioeconômicas, nas eleições de 2018, conforme Maranhão (et. al, 2018), as principais bandeiras defendidas por grande parte dos eleitores e pelo presidente eleito Jair Messias Bolsonaro, evidenciaram mais preocupação pela instauração de princípios morais discutíveis em detrimento da priorização de políticas públicas que pudessem diminuir as desigualdades.

a dor e a desesperança da existência. Talvez por isso Zé “se encheu de cachaça e saiu por aí”. Esse tipo de fuga é comum, para ricos, pobres ou miseráveis.

O que não é igual é o conjunto de consequências após tais abusos. Se a família pode pagar um tratamento da melhor qualidade para que o alcoólatra ou o dependente químico melhore, a situação continua sendo muito difícil. Mas não tão difícil quanto a dos que dependem de projetos voluntários, que nem sempre têm vagas e, geralmente, não têm recursos tão eficazes quanto os das instituições privadas.

Se o jovem é filho de um grande empresário e não precisa trabalhar, pois acabou de entrar na faculdade, sua mesada pode ser mais que suficiente para bancar a cocaína mensal. Mas se for preciso escolher entre trabalhar para alugar uma casa, estudar num curso integral ou poder encher a cara toda semana no bar próximo à faculdade, em breve terá que trancar o curso. Ou perder o emprego e a casa. Um gênio poderá dizer – “É só não ficar bebendo muito, pois tem que cumprir suas responsabilidades.” Concordo que a moderação seria o ideal. Mas a questão aqui não é apontar que a atitude de um é ruim e a outra boa. É só que um dos dois tem como continuar sua intoxicação sem prejudicar a manutenção de suas necessidades básicas. Enquanto o outro, com um problema parecido, pode ter apenas a rua como alternativa para se arrastar com seu corpo intoxicado.

SE VOCÊ NÃO GERA LUCRO, NÃO É NINGUÉM

Zé Ninguém “não trabalha, mas também não explora”. Saltam aos olhos de muita gente, em primeiro lugar, o fato do mendigo não estar trabalhando. Justificam seu estado deplorável alegando ser fruto de seu comodismo. *É um preguiçoso, um vagabundo.* Durkheim (2000) afirma que, se a família e a religião são suscetíveis a muita instabilidade, os grupos de trabalhadores, esses sim, constituem o grupo social mais estabilizador e motivador do qual alguém possa fazer parte. Mesmo que um casal se separe, devem continuar trabalhando para garantir seu sustento. Se as pessoas deixam suas religiões, isso também não elimina a necessidade do trabalho. Então, esses grupos, permanecem reais diariamente. De modo que

sua importância é crucial para que cada indivíduo, em sua ligação com os outros, possa ter um conjunto de objetivos unificados. Assim a vida não perde o sentido, pois se tem um alvo para o qual direcionar seus passos.

A parte sobre o mendigo não explorar ninguém, frequentemente, é esquecida. Será que os pedidos por trocados são uma exploração? Não há nenhuma legislação que te obrigue a dar cinco centavos para alguém em situação de rua. Inclusive algumas prefeituras fazem campanhas para não darmos esmolas¹⁸. Mas, nos contratos de trabalho, devemos garantir que estamos à disposição da empresa. O salário que se recebe por isso, quase sempre é injusto. “Mas para oprimir uma classe é preciso garantir-lhes condições tais que permitam pelo menos uma existência de escravo” (MARX; ENGELS, 2006, p. 96).

Como se não bastasse, o neoliberalismo tem propagado ainda outro tipo de precariedade. Segundo ANTUNES (2018) a chamada *flexibilização do trabalho*, protagonizada pelos aplicativos de serviços, como *Uber* e *Ifood*, por exemplo, acabam tirando mais direitos do suposto “autônomo” do que proporcionando a ele melhores condições financeiras. A flexibilidade mencionada está mais relacionada à liberação para que os donos das empresas possam explorar mais livremente a mão de obra barata. “Vale lembrar que o trabalho nas TIC’s¹⁹ é pautado por uma processualidade contraditória, uma vez que articula tecnologias do século XXI com condições de trabalho herdeiras do século XX” (ANTUNES, 2018, p. 106-107).

Para além do já conhecido proletariado, temos novas categorias de trabalhadores que representam a pluralidade dentro desses grupos. Podemos destacar os subempregados, o proletariado informal - ligado principalmente às TIC’s - e o desempregado (ANTUNES, 2018, p. 1040). Zé Ninguém se encaixa nesse último grupo, mas está dentro da parte mais “inferior” da subdivisão. Sua condição traz consigo a impossibilidade de se adequar à demanda do mercado, tanto

18 Na cidade de Três Lagoas – MS, podemos ter um exemplo de campanha desse tipo. Veja em <http://www.treslagoas.ms.gov.br/esmola-deixa-para-la-assistencia-social-de-tres-lagoas-intensifica-campanha/> Acesso em 12 de novembro de 2020.
19 Tecnologias da informação e comunicação.

esteticamente quanto pelo próprio estigma de não ter família, casa, nem qualquer estabilidade que lhe acrescente credibilidade diante do mercado formal ou informal.

Se o trabalhador pode ser percebido como escravo contemporâneo, *Zé Ninguém* seria menos que um escravo. Pois ele não produz lucro para ninguém. Por isso, pensam, não há porque lhe dar dinheiro para comer e ter um teto sob o qual dormir, para, novamente, executar suas funções monótonas no dia seguinte. O mendigo não é ninguém porque não é subordinado a funções.

Há tempos discute-se muito sobre “Ter ou Ser” (FROMM, 1987). Mas parece que se você não produz lucros, você não é ninguém. Não importa se “Zé nunca foi latifundiário, Zé nunca foi patrão, Zé nunca foi nenhum tipo de ladrão”. O que importa é que agora ele não participa mais ativamente das engrenagens do sistema capitalista. Ele não tem família. Não tem documentos. Não tem emprego. O que o prenderá a essa vida? Quem sentirá falta de quem não existe? Quem não *tem*, não é enxergado, pois só seria valorizado se *tivesse* algo. Mas em certo sentido Zé é um possuidor. Vejamos algumas coisas que ele tem, mas que passam despercebidas:

O não-ter é o *espiritualismo* mais desesperado, uma total irregularidade do homem, uma total realidade do desumano, um ter muito positivo: o fato de ter fome, de ter frio, de ter doenças, os crimes, o aviltamento, o embrutecimento, de ter toda desumanidade e toda contranatureza (MARX ; ENGELS, 2005, p. 55).

O *ser* do Zé não se encaixa nos valores de uma sociedade *dinheirista*. Nem por isso se importam muito em ajudar na eliminação do seu *não-ter*. É que o que ele *tem* só afeta o outro se esse outro tiver apenas as mesmas coisas que ele. Para ser *Humano* é preciso sentir as dores da *Desumanidade*.

AUTOANIQUILAMENTO

A consolidação da palavra *suicídio* ocorreu apenas no século XVII. O termo vem do latim *sui* (próprio) e *caedere* (matar). Antes disso era mais comum o uso de palavras como *autoaniquilamento* para se referir ao ato de tirar a própria vida (ANDRÉ, 2018). Zé era

Ninguém. Como pode haver a aniquilação de um *não ser*? A junção dos aspectos de desumanidade colocados por Marx e Engels (2005), talvez ainda não signifique nada para muitos. Mas é provável que Zé tivesse, pelo menos para si mesmo, a ideia de uma existência isolada ou independente.

Ele não tinha ajuda dos participantes do mundo ao redor, mas também não precisava cumprir certas exigências como, por exemplo, horários para bater ponto. Zé não conseguia “compreender multidões contando horas”. “Olhando para as estrelas” poderia traçar seu itinerário particular. Ou pode ser que o tempo nem mais existia para ele. Essa criação abstrata que compartimentaliza os afazeres e o próprio humano não têm mais importância. Ele não está esperando pessoa alguma chegar. “Zé não precisa tomar banho pra se manter limpo”. Se cada centavo ganho com a exploração do trabalho transferisse um por cento do cheiro desse mendigo para o explorador em questão, nem Zé e nem qualquer outro morador de rua teria um odor mais desagradável do que aquele que emanaria do terno importado desse homem.

Como um ser invisível, Zé pode transitar para qualquer lugar que sirva como instrumento para acabar com sua vida miserável. Segundo Durkheim (2000) a arquitetura urbana aumenta as possibilidades de performances suicidas. Prédios, torres, viadutos. “Também, na medida que o solo se cobre de estradas de ferro, generaliza-se o hábito de buscar a morte fazendo-se esmagar sob um trem” (DURKHEIM, 2000, p.376).

“Um dia Zé, simplesmente, cansou-se de existir. Agora jaz um corpo, despedaçado na linha do trem”. Muita gente, então, pode ter passado a se importar. Quase todo mundo ganha alguma importância depois que morre. O mais provável, porém, é que não tenham se importado com a perda do mendigo indigente. Mas se sentiram atraídos pelo espetáculo do suicídio e dos pedaços humanos espalhados. Ou os pedaços desumanos espalhados. Ou ainda: há só o cheiro da decomposição, pois, para uma população que atribui existência conforme o lucro gerado, não aconteceu nada relevante, o cadáver nunca existiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme relatório da Organização das Nações Unidas (ONU)²⁰, apresentado em dezembro de 2019, o Brasil é o país com a segunda pior distribuição de renda do mundo, perdendo apenas para o Catar. No Brasil 1% da população possui 28,3% de toda a renda do território nacional. Ou seja, essa parcela ínfima de pessoas tem em suas mãos quase um terço de todo o dinheiro do país. Enquanto pouquíssimos chafurdam em seus bens supérfluos, milhares sofrem com a falta do básico. O problema do Brasil não é falta de dinheiro. Há dinheiro suficiente para saciar a fome e proporcionar moradias adequadas para todos os brasileiros. Mas a maioria das pessoas, mesmo várias que não fazem parte do 1%, priorizam o acúmulo do capital em detrimento à qualidade da vida humana. A não ser que por “humano” entenda-se aqueles que fazem parte do meu seletivo círculo de convivência.

Na Constituição Federal Brasileira, há mais de 30 anos, no artigo 153, inciso VII, podemos encontrar a Taxação de Grandes fortunas. No entanto isso nunca foi colocado em prática. A maioria dos brasileiros continua gastando a maior parte de seus salários com impostos. Enquanto os milionários e bilionários poderiam usar o correspondente aos salários de famílias inteiras como papel higiênico. E não ia fazer falta para eles.

Não adianta gerar muitas riquezas se não forem bem distribuídas. A falta de recursos para uma boa saúde e uma boa alimentação, pode empurrar várias pessoas para a rua, onde as coisas que sempre precisaram, tornam-se ainda mais escassas. Assim surgem os *Zé Ninguém*, de maneira não repentina. Não é possível evitar que todos que tenham ideias suicidas consumam o ato. Mas, já que sabemos que certas privações podem servir de gatilho, podemos lutar para que elas existam cada vez menos.

Muitos trabalhadores de classe média, ou mesmo pequenos empreendedores, pensam que o Imposto sobre Grandes Fortunas vai mexer no seu dinheiro, que conquistaram com tanto esforço. Não! Uma parcela irrisória seria cobrada daqueles que, em sua

maioria, têm milhares de outras pessoas para suarem em seu lugar. São aqueles que têm aviões, helicópteros e não precisaram parcelar a compra dos carros e motos que têm dentro das garagens de suas mansões. São pessoas cujas mortes seriam noticiadas. Diferente do *Zé*, que, por ser indigente, nem deve ter tido funeral.

Até mesmo grupos de cristãos tomam para si o discurso capitalista (WEBER, 2004) e valorizam as pessoas de acordo com os lucros que podem proporcionar para suas instituições. Não se deve generalizar. O objetivo aqui não é dizer que ninguém faz algo pelos pobres e miseráveis. Temos exemplos de religiosos que, além das orações e do acolhimento, oferecem o pão, literalmente. É o caso do Padre Júlio Lancellotti²¹ que atende, quase todos os dias, pessoas em situação de rua, cumprindo a demanda de um texto bíblico desprezado por muitos: “Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: ‘vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se’, sem porém lhe dar nada, de que adianta?”²². Para dar alguma força e esperança aos excluídos, a justiça social deve, na prática, ter mais importância do que a catequização para agregar mais um contribuinte a determinada denominação religiosa.

A grande quantidade de instituições, religiosas ou não, e as pressões feitas para nos mantermos conectados a elas, acabam gerando a própria *anomia*. O discurso imperativo de que devemos nos vincular a tais grupos sociais, cumprindo as padronizações hegemônicas, intensificam a angústia daquele que não se enquadra. Para ajudar o *Zé Ninguém* a encontrar algum sentido para sua existência, é mais proveitoso enxergá-lo como um ser humano do que ver nele uma potencial máquina geradora de riqueza. Ou mais um ator para as propagandas da família tradicional fingindo ser feliz.

20 Disponível em <<https://nacoesunidas.org/>> Acesso em 06 de abril de 2020.

21 O Padre é pároco da Igreja São Miguel Archanjo e, no bairro da Mooca, Zona Leste de São Paulo, região onde trabalha junto às pessoas a quem ele chama de “irmãos de rua”. Diversas reportagens foram feitas recentemente sobre seu projeto, uma delas está disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-20/padre-julio-lancellotti-nao-se-humaniza-a-vida-numa-sociedade-como-a-nossa-sem-conflito.html>> Acesso em 13 de novembro de 2020.
22 Tiago 02: 15-16 in: *Bíblia* (2003).

As ações mais relevantes que podem modificar o sistema socioeconômico não têm efeitos imediatos. Até porque somos ensinados a enxergar a economia e os demais setores da sociedade como fins em si mesmos. Quando deveríamos ter consciência de que todas essas coisas devem servir como meios para alcançar o bem estar dos seres vivos. Não só de alguns. Mas de todos.

É preciso que, desde cedo, as pessoas sejam educadas para ter empatia pelos outros. Mas o sistema educacional brasileiro é construído para gerar mão de obra barata para o mercado de trabalho. Sobretudo nas escolas públicas. “As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante” (MARX; ENGELS, 2006, p. 104). Se os poderosos amam mais o dinheiro do que os outros humanos, não vão querer parar de sugar as classes oprimidas. Querem formar mercadorias para que vendam suas

forças àqueles que têm mais dinheiro. Assim vê-se, desde cedo, essa objetificação que pode, gradativamente, fazer o indivíduo se sentir *Ninguém*.

Sabemos que existem pessoas lutando por mudanças, mas as transformações não ocorrem em pouco tempo. “Cada nova geração é educada pela que a precede; é preciso, pois, que esta última se corrija para corrigir a que segue. Giramos em círculo” (DURKHEIM, 2000, p. 487). A sociedade forma a educação. A educação forma a sociedade. Precisamos interferir nesse processo contínuo. Precisamos lutar para que a subjugação não seja perpétua. Caso contrário haverá ainda mais histórias como essa, relatada na música dos *Garotos Podres*. “Da porta dos bares à cama de cimento. Zé Ninguém, um excremento”. Talvez por ele nunca ter existido, ninguém nota quando ele deixa de existir.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **O Eterno Verão do Reggae**. São Paulo: Editora 34, 1997.

ANDRÉ, William. Sobre o Conceito de Suicídio. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 20, p. 154-174, mar. 2018.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BÍBLIA: Português. **Bíblia de estudo NVI**. Coordenador de tradução: Luiz Sayão. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CASTRO, Ramon Azevedo Silva *et. al.* Vulnerabilidades da População em Situação de Rua ao Comportamento Suicida. **Revista de Enfermagem UFPE online**, Recife, v. 13, n. 2, p. 431-437. 2019.

COELHO, F. M. F.; DIAS, T. B.; MARANHÃO, E. M. A. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e o fim da “família tradicional”. **Revista Eletrônica Correlatio**. v. 17, n. 2, p. 65-90, dez 2018.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: Estudo de Sociologia**. 1ª ed. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. Vaticano: 3 out, 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#_ftnref204>

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** Tradução: Nathanael C. Caixeiro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GAROTOS PODRES. **Programa do Jô**. Entrevistador: Jô Soares. TV Globo: 21 de junho, 2004.

_____. Zé Ninguém. In: **Live in Rio**. Rio de Janeiro: Not On Label, 2000. 1 CD. Faixa 09.

_____. Zé Ninguém. In: **Com a corda toda**. São Paulo: Paradox Music, 1997. 1 CD. Faixa 09.

LEGIÃO URBANA. Geração Coca-Cola. In: **Legião Urbana**. São Paulo: EMI – Odeon, 1985. 1 CD. Faixa 06.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 26(2): e47463, 2018.

MARCOS, Wudson. Os 13 Porquês: gatilhos para o Sui-

cídio no contexto escolar. **REEDUC: Revista de Estudos em Educação**. v.6, p. 40-56, ago/dez 2020.

_____. Pele cortada com lâmina de apontador. **Revista Literatura Errante**. 14 set, 2020. Disponível em <https://www.literaturaerrante.com.br/post/pele-cortada-com-l%C3%A2mina-de-apontador>

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro I: O processo de produção do Capital**. Tradução: Rubens Enderle. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **Sobre o Suicídio**. 6ª ed. Tradução: Rubens Enderle; Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 10ª ed. Tradução: Álvaro Pina. São Paulo: Global, 2006.

_____. **A Sagrada Família, ou Crítica da Crítica Crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores**. 5ª ed. Tradução: Sérgio José Schirato. São Paulo: Centauro, 2005.

MOREIRA, Gastão. Vídeo-Documentário. **Botinada: a Origem do Punk no Brasil**. São Paulo: Produtos ST2, 2006.

O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk: mais do que barulho**. 1ª ed. Tradução: Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros: 2005.

THEISSEN, Gerd. **Sociologia da Cristandade Primitiva**. 1ª ed. Tradução: Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 1ª ed. Tradução: José Marques Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.